

Leitura da narrativa visual dos livros digitais do programa “Leia para uma criança”: analisando o(s) discurso(s) presente(s) nessas histórias

Reading the visual narrative of digital books from the “Leia para uma criança” program: analyzing the discourse(s) present in these stories

Denise Giarola Maia
Tamires Helena de Souza

Resumo: Este artigo apresenta os resultados parciais do projeto de pesquisa “Análise multimodal do design de livros digitais e aplicativos de Literatura Infantil”¹, que tem como propósito analisar o(s) discurso(s) presente(s) em cinco obras que compõem a coleção “Estante digital” do programa “Leia para uma criança”, a partir de categorias dos significados interacional e representacional, propostas por Kress e van Leuween (2021) e, posteriormente, refinadas para a análise de narrativas visuais por Painter, Martin e Unsworth (2014). Os dados e os resultados encontrados, até o momento, indicam que os recursos semióticos selecionados, durante o *design* dos protagonistas dessas histórias, favorecem a construção do discurso feminista, e também do discurso antirracista.

Palavras chave: Literatura infantil; Livro digital; Semiótica Social; Discurso.

Abstract: This article presents the partial results of the research project “Multimodal analysis of the design of digital books and Children's Literature applications”, which aims to analyze the discourse(s) present in five books of “Estante digital” collection from “Leia para uma criança” program, based on categories of interactional and representational meanings, proposed by Kress and van Leuween (2021) and, later, refined for the analysis of visual narratives by Painter, Martin and Unsworth (2014). The data and results found so far indicate that the semiotic resources selected, during the design of the protagonists of these stories, favor the construction of feminist discourse, and also of anti-racist discourse.

Key-words: Children's literature; Digital book; Social Semiotics; Discourse.

Introdução

O presente artigo apresenta os resultados parciais do projeto de pesquisa “Análise multimodal do *design* de livros digitais e aplicativos de literatura infantil” que vem sendo desenvolvido desde 2020². No primeiro ano, buscamos discutir o estado da arte, fazendo uma revisão literária e discussão de trabalhos teóricos que tratam sobre a Literatura Infantil, sobre os livros

¹ Agradecemos ao IFMG e ao CNPq pelo auxílio financeiro, por meio da concessão de uma bolsa de Iniciação Científica.

² O projeto foi submetido e aprovado em editais de Programa Institucional de Fomento a Bolsas de Pesquisa do IFMG, e ao longo desses quatro anos, tem sido contemplado com auxílio financeiro a estudantes, a saber, uma (01) bolsa PIBITI/CNPq.

ilustrados e sobre os livros digitais de literatura para o público infantil (LUZ; MAIA, 2020). Também fizemos um levantamento dos aplicativos e dos livros digitais infantis produzidos no contexto brasileiro e selecionamos aqueles da “Estante digital” do programa “Leia para uma criança” por se tratarem de obras disponibilizadas gratuitamente.

Na contemporaneidade, o livro de literatura infantil (impresso ou digital) pode ser descrito como um objeto multimodal, porque, além da narrativa se constituir a partir de uma seleção de recursos semióticos de múltiplos modos, os quais, durante o processo de *design*, são organizados no *layout* da página ou da tela, com o propósito de orientar a atenção do “leitor-olhante” (Barbosa, 2023, p. 196); a própria materialidade (seu suporte, formato) suscita formas de interação e práticas de leitura diferentes. Assim, mais especificamente sobre os livros digitais, Remenche e Machado (2017, p. 158) afirmam que “os livros literários infantis, em ambiente digital, acionam modos diferenciados de ler e sobrelevam a necessidade de maior interatividade por parte do leitor”.

Assim, com base nos trabalhos lidos, especialmente daqueles vinculados à Semiótica Social, nos anos seguintes, em 2021 e 2022, realizamos a análise do *design* gráfico dos livros, mapeando os modos e os recursos presentes no texto, descrevendo os significados representacionais, em termos do tipo de estrutura e processos realizados pelos participantes representados, conforme Kress e van Leeuwen (2021), assim como os efeitos de sentido da combinação desses modos e recursos.

Inaugurada por Hodge e Kress (1988), a Semiótica Social busca estudar a comunicação e a representação, analisando os efeitos da (re)produção, recepção e circulação de significados nos mais diversos modos e recursos que são usados pelas pessoas. Um desdobramento da Semiótica Social foi o desenvolvimento da Gramática do Design Visual (doravante GDV) por Kress e van Leeuwen (1996, 2006, 2021), na qual os autores reivindicam a urgência de um novo letramento, que deve abranger a leitura não somente do verbal - na modalidade escrita da língua -, mas todos os modos envolvidos na construção do texto. Então, o termo “multimodalidade” vem sendo utilizado tanto para se referir a essa multiplicidade de modos na composição de um texto quanto para



denominar abordagens que compreendem esse fenômeno da comunicação e representação para além do modo verbal. Sendo assim, consideramos o livro ilustrado digital um objeto multimodal, contudo, centramos nossa análise no aspecto das ilustrações, ou seja, no modo imagético.

Kress (2015) define os modos como sendo meios materiais e físicos compartilhados social e culturalmente como recursos semióticos para fazer sentido. Eles vão desde a escrita e a imagem em uma página até a imagem em movimento e o som na tela, e a fala, gesto, olhar, postura, corporificados na interação. Cada modo, segundo Kress e van Leeuwen (2021) possui seus limites e potencialidades (*affordances*), isto é, apresenta ou não recursos para melhor realizar certas finalidades comunicativas.

Outro conceito central da Semiótica Social, e igualmente importante para nossa pesquisa sobre os livros ilustrados, é o de *design*. De acordo com Kress e van Leeuwen (2021), ele compreende o momento em que os produtores fazem escolhas dos modos e dos recursos, considerando os limites e as possibilidades de cada um, ou seja, quais modos e recursos estão aptos a comunicar e a representar aquilo que desejam. É, portanto, o momento de criação. O *design* pode ainda ser compreendido como se fosse o projeto da mensagem, uma vez que ele se encontra entre o conteúdo e a sua expressão.

O *design* leva sempre em conta os interesses de quem produz a mensagem, já que as escolhas dos modos e recursos são sempre motivadas, isto é, diretamente relacionadas àquilo que os produtores do texto julgam mais adequado para a comunicação, considerando especialmente o público e sua relação com ele. Logo, essa noção de *design* tem orientado nossas análises dos livros digitais e aplicativos de literatura infantil, na medida em que o pesquisador deve interrogar-se sobre os modos que foram usados, em quais arranjos, de que forma os modos e os arranjos projetam e significam o tipo de público imaginado para aquele texto, como tais modos se relacionam para construção de sentidos e de significados interacionais e representacionais, e, finalmente, como eles (re)produzem certo(s) discurso(s), entendendo-o(s) como ponto(s) de vista sobre um determinado aspecto do mundo.

Assim, os dados obtidos, nas análises realizadas em 2021-2022, apontaram escrita, desenho, animação e som como modos que se articulam para compor a história desses livros da coleção da “Estante digital” do programa “Leia para uma criança”. Embora desenho, animação e som desempenhem predominantemente a função de ratificar os sentidos do verbal, há momentos em que eles contribuem para caracterizar os personagens e o cenário, antecipar uma informação da parte escrita, aguçar a curiosidade do pequeno leitor, fazendo-o criar hipóteses, inferências e outras estratégias de leitura, além de criar um aspecto lúdico. Assim, pudemos afirmar que há uma preocupação, por parte do programa, em selecionar obras em que a relação entre os recursos semióticos seja coerente com sua proposta estética (Luz, Maia, 2021; Castro, Maia, 2022a; Castro, Maia, 2022b), em outras palavras, há uma escolha por determinadas obras literárias, em detrimento de outras, as quais o programa julgou estarem mais adequadas a uma visão de mundo, ou melhor, aos valores da sociedade atual e/ou ao discurso que o Itaú Social pretende (re)produzir a partir da circulação desses livros da “Estante digital”. Então, nos perguntamos: será que essa coleção consegue romper com uma tendência de homogeneização cultural na literatura infantil? Será isso uma proposta do programa? Que discurso(s) é/são (re)produzido(s)?

Então, com a renovação desde projeto (2023-2024), pretendemos discutir essas questões, tendo como objetivo dessa nova fase da pesquisa analisar o discurso multimodal dessas narrativas visuais, a partir dos recursos semióticos mapeados e descritos anteriormente. Conforme Painter, Martin e Unsworth (2014), os livros ilustrados constituem um instrumento significativo de socialização, como fonte de mensagens ideológicas abertas e encobertas sobre o mundo e sobre os valores sociais.

A história da Literatura Infantil mostra que os primeiros textos literários destinados à criança foram publicados no final do século XVII, quando Charles Perrault, na França, e no século XIX, quando Jacob e Wilhelm Grimm (os irmãos Grimm), na Alemanha, e Hans Cristian Andersen, na Dinamarca, começaram a copilar e reunir, em coleções, narrativas da tradição oral. De acordo com Coelho (1984), esses autores ficaram conhecidos como os



responsáveis por tornar esses contos pertencentes à narrativa primordial em textos literários que, logo, foram destinados às crianças e, até hoje, continuam fazendo parte do que vem a ser uma Literatura Infantil.

Essas coleções, segundo Canton (2009), continham contos populares que visavam apresentar às crianças, e também às mulheres, certas moralidades da época, ensinando-lhes regras de etiqueta e de comportamento. Assim, de acordo com Zilberman (2003), surgia uma preocupação com a formação desse público infantil que, até então, não era visto como diferente do adulto. Ainda hoje, a Literatura Infantil permanece muito associada a essa finalidade pedagógica, em que as histórias são pretextos para o aprimoramento e domínio da língua materna, assim como para aprendizagem de conteúdos escolares e de certos valores sociais e culturais. Em geral, muitas das narrativas que se reconhece como clássicos da literatura infantil, como os contos de fada, são histórias em que predominam os valores de uma sociedade patriarcal, em que os personagens são geralmente adultos, brancos, héteros, sem deficiência, e os saberes sobre o mundo e os modos de representá-lo estão relacionados à cultura europeia, à visão do colonizador.

Ainda que exista uma produção literária contemporânea preocupada em romper com esse tradicionalismo, isto é, que revise os clássicos para subvertê-los, parodiá-los, e que as editoras busquem apresentar um catálogo mais diversificado, não somente em termos de gêneros e estilos (poema, conto, etc.), mas também de autores (negros, indígenas), personagens, temas, entre outros; pode ainda haver, na seleção de obras para compor um currículo, um programa, uma coleção, uma tendência a homogeneização. Isso, então, justifica o interesse em investigar se os livros digitais do programa do Itaú Social apresentam um discurso multimodal aberto ou fechado para a diferença ou, em outras palavras, que literatura é essa que o programa “Leia para uma criança” faz chegar às casas de muitas famílias brasileiras, por meio da sua distribuição gratuita e de fácil acesso pelo celular?

Os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores da Semiótica Social buscam investigar não somente as várias formas comunicacionais, que as pessoas usam, e sua complexa relação, mas também o uso e os efeitos dos

discursos. Entende-se como “discurso”, conforme Kress e van Leeuwen (2021), os conhecimentos construídos socialmente sobre algum aspecto da realidade. Segundo os autores (2021), todos os modos, de diferentes maneiras, apresentam meios para a expressão dos discursos. Portanto, todos os textos, artefatos e eventos comunicativos são sempre discursivamente moldados.

Buscamos, neste artigo, apresentar de que forma, então, os modos e os arranjos dos recursos semióticos selecionados para representar visualmente as personagens principais projetam um discurso feminista, especialmente relacionado ao protagonismo das mulheres negras, e também um discurso antirracista.

Para isso, percorremos o seguinte percurso metodológico:

- Leitura dos livros da coleção “Estante digital;
- Identificação da temática e dos personagens/protagonista(s) das histórias, por meio da seleção das telas em que eles são apresentados visualmente;
- Descrição e análise dos personagens em termo dos significados representacionais e interacionais do plano visual, conforme algumas das categorias propostas por Kress e van Leeuwen (2021) e refinadas posteriormente para a análise de narrativas visuais por Painter, Martin e Unsworth (2014). Na tabela, a seguir, apresentamos as categorias que julgamos pertinentes para a análise do(s) discurso(s) presente(s) nas narrativas, a partir da forma como os personagens são visualmente apresentados ao leitor-olhante.

Tabela 1 Categorias de análise

Significado	Sistema	Realização	Efeitos potenciais
Interacional	Focalização	Olhar do personagem direcionado ao leitor ou ao participante representado; olhar do leitor alinhado ou não com o do personagem.	Oferecer o item como algo para “observação” / Estabelecer contato entre o leitor-observador e os personagens. Inserir/manter o leitor-observador fora/dentro do mundo da história.
	Poder	Ângulo vertical de visão (alto/médio/baixo) para o leitor e/ou participante	Autoridade, vulnerabilidade,

		representado.	igualdade
	Distância social/proximidade	Enquadramento (primeiro plano, plano médio, plano geral); proximidade/toque entre os participantes representados na cena.	< ou > intimidade
Representacional	Personagens (Participantes representados)	Qualidades e atributos retratados	Identidade (imagens conceituais convidam a uma interpretação mais lenta – contemplação – dos atributos do participante)
	Ações visuais (processos narrativos de ação, percepção/reação, cognição/mental e conversação/verbal)	Ações representadas por meio de: vetores que partem dos membros e olhar do participante representado e/ou balões de pensamento e de fala, gestos faciais/mãos	Sensação de movimento e dinamismo.

Fonte: Elaborado a partir de Painter, Martin e Unsworth (2014)

- Discussão sobre o(s) discurso(s) gerado(s) a partir da representação visual dos personagens.

Na seção seguinte, apresentamos os resultados dessa discussão a partir da análise realizada, até o momento, de cinco obras, a saber: “Malala, a menina que queria ir para a escola”, “O cabelo da menina”, “Pode ser”, “A menina das estrelas” e “As bonecas da vó Maria”, que apresentam esse discurso feminista e antirracista, de respeito às diferenças de gênero e de etnia.

Análise do discurso feminista e do discurso antirracista das narrativas visuais de cinco livros da coleção “Estante Digital” do programa “Leia para uma criança”

Um livro que faz parte da coleção digital do programa é “Malala, a menina que queria ir para a escola”, escrito por Adriana Carranca e ilustrado por Bruna Assis. De acordo com Silva (2023, p. 225), essa é uma obra que serve de exemplo (representatividade) para a/o leitor(a) de literatura-infantil e

“[...] pode ajudar as crianças a formar uma concepção feminista desde a infância, contribuindo para sua formação de valor e de identidade”.

Silva (2023), a partir dos trabalhos de Adiche (2019)³ e Hooks (2019)⁴, compreende que as pessoas não devem assumir determinados papéis sociais e definir quem elas são, sua identidade, pautadas nas convenções de gênero. Nas palavras da autora, “[...] não se deve delimitar o que se pode ou não fazer por conta do gênero, isso ajuda no processo de identidade da criança, ainda mais se ela é menina [...]” (Silva, 2023, p.223). Desse modo, compreendemos aqui o feminismo como uma forma de visão de mundo, uma representação, ou melhor, um discurso, e por isso em disputa com outros, por exemplo, com o discurso patriarcal e machista. Assim, para Silva (2023, p.222):

[...] é necessário que se ensine as crianças que os papéis de gêneros são totalmente inaceitáveis, isto é, não se deve dizer a uma criança que ela não pode participar de tal brincadeira porque é menina, ou menino, porque isso não é razão para nada. (Silva, 2023, p.222)

A literatura infantil tem um papel fundamental na formação do senso crítico, buscando apresentar às crianças formas diferentes de representação do mundo, especialmente no que diz respeito ao gênero; para, assim, combater discursos discriminatórios, preconceituosos e opressores como é o discurso patriarcal e machista.

Logo, encontram-se, na coleção de livros da “Estante digital”, algumas obras, analisadas até o momento, que apresentam um discurso feministas e que trazem como protagonistas personagens femininas empoderadas. Uma delas seria “Malala, a menina que queria ir para a escola”, que é a biografia de uma ativista paquistanesa que defende a educação universal de meninas em todo o mundo. Por causa disso, ela sofreu perseguições e ameaças de Talibãs. Conforme Silva (2023, p. 230),

Malala tinha tudo para desistir de seus objetivos, mas não permitiu que isso acontecesse, uma vez que o fato de ser mulher e sua determinação para estudar e conquistar o seu

³ ADICHE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. 1ª ed. Reimp. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

⁴ HOOKS, bel. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 8ª ed. Trad. Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.



espaço, foi um dos motivos que trouxe a sua causa mundialmente reconhecida. (Silva, 2023, p. 230)

A autora considera ainda que a história de vida de Malala mostra o que realmente seria o feminismo, pois o senso comum tem ideias equivocadas sobre sua agenda política.

Ensinar o feminismo por meio de histórias infantis às crianças nem sempre tem um olhar positivo, uma vez que uns pensam que adultas, mulheres, querem somente ensinar as meninas a odiarem homens, a não ter que aprender os serviços domésticos, e que é errado pensar em filhos e casamento. Enquanto na realidade, feminismo não é nada sobre isso.” (Silva, 2023, p. 229)

Assim, Silva (2023), no texto em que discute essa obra em questão, apresenta a ilustração de Malala ainda bebê nos braços do pai e afirma que as imagens do livro reforçam o discurso feminista, contudo ela não chega a explicar o porquê. Isso poderia ser demonstrado, tomando, então, as categorias de Painter, Martin e Unsworth (2014), para analisar o arranjo dos recursos semióticos da ilustração⁵ apresentada por Silva (2023).

Os dois personagens, um homem e um bebê, são posicionados no centro da imagem e estão no interior de uma casa. Dada a proximidade dos participantes representados (doravante PR), que sugere intimidade, o leitor-olhante consegue relacionar a ilustração à parte verbal da narrativa e inferir como sendo a bebê, Malala, e o homem, o pai dela. Malala é a meta do processo de ação, em que o ator é o seu pai⁶. PR-pai segura PR-bebê Malala no colo, no qual a criança parece dormir de forma serena. A ilustração pode, então, ser descrita como uma imagem narrativa, pois a atividade de ninar sugere atividade, ou melhor, movimento do corpo.

Essa representação do PR evoca o discurso feminino, pois reforça a ideia de que “o cuidado com uma criança” ou “demonstrações de afeto” não é uma questão de gênero, ou seja, um papel exclusivo da mulher, devido à

⁵ Respeitando os direitos autorais da imagem, não reproduziremos as ilustrações da obra.

⁶ CARRANCA, Adriana. Malala, a menina que queria ir para escola. Ilustrações Bruna Assis Brasil. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015, acessado 26/10/23, <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/historias/malala-a-menina-que-queria-ir-para-a-escola/>

maternidade, mas uma questão de humanidade, ou seja, enquanto seres vivos, precisamos cuidar um dos outros, em especial das crianças, as quais devemos proteger.

Outro livro da “Estante Digital” (mas que hoje já não se encontra mais disponível no site⁷) que traz esse discurso feminista é “O cabelo da menina”, escrito por Fernanda Takai e ilustrado por Carolina Ina. A tipografia do título, na capa, chama a atenção do leitor pelo seu significado representacional, isto é, as letras em formato cursivo remetem a fios de cabelo. Ainda sobre a capa, a ilustração traz a imagem da protagonista em um fundo branco. Quanto ao significado representacional da imagem, trata-se de uma imagem conceitual, uma vez que não há propriamente uma ação, mas sim a representação de atributos do participante representado, a saber, o seu cabelo bem despenteado e solto. Em termos de seu significado interacional, essa imagem cria certo afeto entre o leitor e a personagem, já que o PR é retratado em um ângulo frontal, a nível dos olhos, formando, assim, um olhar de demanda (de contato), pois o personagem está olhando para o leitor-olhante, com o intuito de criar um vínculo entre eles e atrai-lo a ler a história. Além disso, a personagem “sorrir”, o que também provoca esse efeito emotivo no leitor-olhante.

De acordo com o narrador em 3ª pessoa (Coelho, 1984), a menina, que não possui nome, certo dia, resolveu ir para escola “despenteada” e “daquele jeitão diferente”, pois tinha achado seu cabelo “legal [...] desse jeito”; já as pessoas o acharam “engraçado”, pois ele “era cheio de vírgulas”. Em uma das ilustrações, sob um fundo branco, temos PR-menina sentada em um banco e duas outras estudantes olhando para ela. Assim, no plano visual, a menina, ou melhor, o seu cabelo é o fenômeno do processo reacional, já que vetores partem dos olhos das PR-estudantes em direção a PR-menina.

No verbal, o narrador ainda utiliza a expressão “cabeleira malucona”, para se referir as madeixas da menina, e diz que ela “tinha sido o assunto do dia na escola”. Não há na parte escrita uma referência explícita à questão do *bullying* embora, no plano visual, em outra ilustração, o leitor-olhante vê apenas o rosto de lado de dois PR-estudantes na parte superior da tela. A expressão

⁷ ITAU, 2020, acessado 26/10/23, <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/historias/o-cabelo-da-menina/>

facial (boca aberta) sugere que eles estão rindo de algo. Abaixo deles, temos o rosto da PR-menina que é ilustrada em um ângulo de frente. Apesar dos risos, a protagonista mantém uma fisionomia tranquila. Ela sorri. Daí, podemos afirmar que o tema da diferença parece ser tratado de maneira positiva.

A narrativa ainda apresenta ao leitor os diferentes cabelos da garotada da escola. Nessa parte da narrativa, tem-se a ilustração dos variados cabelos, ou seja, há uma tentativa de representar cabelos que se diferenciam pela cor (castanho, preto, ruivo, loiro), pelo formato do fio (liso, ondulado), pelo corte (curto, médio, longo), pelo penteado (solto, com rabo de cavalo, com maria-chiquinha, com coque, com tranças). Apesar da diversidade, não estariam todos os cabelos representados visualmente, por exemplo, não vemos uma representação que se aproxima do cabelo crespo, nem de cabelos com *dread*, etc.

A história tem como desfecho o combinado de que uma vez por mês haveria “o dia do cabelo maluco”⁸, e também a cena da mãe da menina emocionada com essa novidade.

A obra “O cabelo da menina” trata, portanto, de assuntos bem pertinentes nos dias de hoje, como dito anteriormente, um deles seria o *bullying*, que, por sua vez, está diretamente relacionado, na história, a não aceitação da diferença, sendo que essa, na verdade, deveria ser vista como algo positivo.

A protagonista, que é uma menina, a qual não é identificada por um nome próprio, estava empolgada e decidida a ir com o cabelo despenteado para a escola, e com muita insistência sua mãe a liberou. Assim, nota-se, desde início, que a narrativa apresenta a menina como alguém que é agente, isto é, que faz escolhas, e essas são ouvidas e respeitadas pelos seus responsáveis.

⁸ Ultimamente, as escolas brasileiras têm promovido “O dia do cabelo maluco” como uma das atividades que compõem a programação da Semana da Criança, que ocorre durante os dias que antecedem o dia da criança, comemorado dia 12 de outubro no país. No entanto, “O dia do cabelo maluco” surgiu nas escolas norte-americanas como um desafio para as crianças e seus pais criarem penteados inusitados e como forma de expressar a singularidade de cada um, além de ser um jeito de se divertir positivamente por meio de cabelos com diferentes texturas, penteados, cores, e de fazer com que os alunos não se envergonhem ou se sintam mal devido a diferenças.

De acordo com Archer, a estrutura social não controla totalmente a ação humana, pois as pessoas, embora interiorizam discurso(s) que lhe ajudam a moldar suas identidades, são antes agentes (incorporados, isto é, ativos) que podem atuar no mundo no sentido tanto de promover a manutenção dessas estruturas como de transformá-las. Para Hodge e Kress (1988), enquanto agentes, as pessoas são livres para realizar escolhas dentro dos recursos disponíveis em um modo. Essas escolhas possibilitam a produção de um discurso de manutenção ou de mudança dos sistemas de conhecimento e das identidades. Assim, representar a protagonista como alguém que transgride as regras (já que ela vai a escola sem pentear os cabelos) e que é apresentada de cabelo “bagunçado” é criar um discurso(s) distinto e oposto (talvez) daquele em que as meninas estão sempre muito bem-arrumadas.

Além disso, a personagem é uma menina que não se importa com o que os outros pensam dela, ou melhor, com a reação dos colegas frente às escolhas que ela faz ou com quem ela é (sua identidade). Ela parece ser uma menina “livre”, em outras palavras, que não se “prende” a padrões, muito menos, ao julgamento do seu meio social.

Na ilustração da última página do livro, são mostradas mãe e filha juntas, descabeladas, dançando e se alegrando na sala. Em termos de significado interacional, é uma imagem que pode ser descrita como de oferta (ou de ausência de contato), na qual o leitor-olhante não é convidado a se envolver com os personagens da história, mas, de fora do mundo ficcional, contemplar a alegria das personagens e aprender com essa lição.

Logo, a narrativa parece trazer à tona tanto o discurso feminista quanto aquele que celebra a diversidade, buscando superar os preconceitos existentes na sociedade, especialmente, aqueles manifestados em atos violentos, como o *bullying*, cuja vítima é alguém geralmente marginalizado. Contudo, o *bullying*, comumente, no que diz respeito aos cabelos, está mais associado ao cabelo crespo, o qual não está representado visualmente na obra, distanciando, portanto, essa questão do preconceito étnico racial e do discurso antirracista.

O terceiro livro analisado, “Pode ser”, escrito por Adriana Falcão e ilustrado por Willian Santiago (hoje também a versão digital já não se encontra

mais disponível no site)⁹, conta a história de Ana, uma menina que, segundo o narrador, “[...] não tinha amigos pra conversar. Nem para brincar. Pra passear. Pra jogar bola. Pra ser do time.” (ITAU, 2020). Assim, a narrativa gira em torno desse conflito: Ana se sentia isolada na escola e desejava que as crianças a chamassem para jogar futebol com elas. A protagonista desabafa seus sentimentos com um ursinho de pelúcia e até chega a sonhar com isso acontecendo, ou seja, que seria convidada para entrar no time. A reviravolta acontece quando Ana toma a atitude de pedir às crianças para participar do jogo, conseguindo ela mesma resolver esse conflito.

Ana é representada visualmente como uma menina magra, branca, cabelos lisos e castanhos, conforme é possível observar já na capa do livro. A ilustração da capa permite que o leitor faça algumas inferências sobre a protagonista. Além do recurso visual, a imagem possui efeito de animação, o que, em termos representacionais, poderíamos classificá-la como narrativa, por conter uma ação, já que a menina joga a bola para cima e depois a para com o seu pé. Além disso, é uma imagem que busca chamar a atenção do leitor para os atributos portados pela protagonista, que parece vestida com uniforme para a prática desse esporte, ou seja, blusa, bermuda, meião e chuteiras. Então, imagem relaciona-se com o título da história: “Pode ser”, criando uma expectativa no leitor. O que será que a protagonista pode ser? Será que ela quer ser uma jogadora de futebol? Essas provavelmente poderiam ser perguntas feitas pelo mediador de leitura para a criança.

Assim, em um primeiro momento, a obra parece evocar um discurso feminista sobre o lugar da mulher nos esportes, especialmente, no futebol, o qual é muito marcado como uma atividade ou brincadeira de “menino”, inclusive, com maior visibilidade e cobertura midiática dos campeonatos masculinos. Contudo, ao longo da história, essa expectativa inicial, ou melhor, esse discurso, não é desenvolvida, uma vez que o conflito central é a possível timidez da protagonista.

A dificuldade em fazer amigos, de fato, é um drama vivenciado pela maioria das crianças, que são o público alvo dessas obras. O livro busca,

⁹ ITAU, 2020, acessado 14/11/2023, <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/>

então, encorajar o leitor a vencer essas barreiras sociais. A protagonista, no decorrer da narrativa, em termos de distância social/proximidade, é ilustrada praticamente sozinha e distante das crianças, às vezes, cabisbaixa, sugerindo, portanto, menos intimidade, até indiferença dos colegas.

No final da narrativa, quando Ana resolve superar a sua vergonha e pedir para entrar no time, nota-se uma mudança na representação da protagonista que é retratada junto das demais crianças. A distância social/proximidade entre os PR é menor, sugerindo intimidade.

Essa mudança de atitude da protagonista é também retratada na postura da personagem, na qual ela aparece correndo com a cabeça erguida, significando, assim, que Ana já não é mais uma menina tímida, triste, mas corajosa e alegre, já que enfrenta seus medos e realiza seus sonhos, como o de entrar para o time.

O próximo livro “A menina das Estrelas”¹⁰, escrito por Tulipa Ruiz e ilustrado por Laurent Cardon, é uma história que traz uma reflexão sobre assuntos pertinentes no nosso cotidiano. A personagem negra, mulher e de cabelos crespos, é chamada de Vanessa na história.

O narrador conta que a menina ganhou um livro de presente e esse lhe despertou curiosidade. Sua mãe fez a leitura para ela (podemos, então, deduzir que a menina ainda não era alfabetizada). A história parece construir uma mensagem sobre esse objeto cultural, o livro. Por sua vez, esse livro conta também a história de uma garota. Diz o narrador que essa “[...] morava no espaço e tinha seu próprio foguete.” (p.7). O pai de Vanessa “[...] contou que a lua no céu era a mesma do livro...” (p.11). Vanessa fica empolgada com essas descobertas sobre o livro. Há aqui uma espécie de metalinguagem.

Assim, receber esse presente foi um momento muito marcante na vida da Vanessa, pois aquele era o seu primeiro livro. O narrador afirma que a menina estava cansada de receber os mesmos presentes, ou seja, aquele foi, então, um presente inusitado e muito importante. Uma das ilustrações desta parte inicial da narrativa apresenta PR-Vanessa segurando um livro que é um dos elementos mais salientes da imagem, devido a algumas propriedades,

¹⁰ ITAU, 2020, acessado 30/11/23, <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/a-menina-das-estrelas/>

como seu tamanho, evidenciando sua importância, e a metalinguagem presente nessa narrativa.

Observa-se, nessa cena ilustrada, um tipo de identificação da personagem, PR-Vanessa, com o livro que ela ganhara. Na representação visual, Vanessa está sentada de costas para o leitor-olhante, no entanto esse vê o seu semblante alegre projetado na capa do livro, o qual ela segura com as mãos (o objeto parece até desproporcional para a menina, que parece pequena em relação a esse). A capa do livro, dado de presente a Vanessa, é composta pelos seguintes elementos: o título, abaixo desse, um círculo, que representa a lua, em um fundo azul com várias estrelas em branco. Tal como em um espelho, Vanessa vê a sua imagem na lua “prateada”. O narrador, em uma parte da história, conta ao leitor que a mãe de Vanessa “[...] tinha o costume de olhar o céu pela janela da casa.” (p.9), e que a lua iluminava o rosto dela e a filha adora que “[...] a mãe ficava prateada” (p.10). Há, ainda na ilustração, um processo de reação, em que vetores partem dos olhos da menina representada na capa do livro em direção a Vanessa.

Outra ilustração dessa obra que contribui para a identidade da PR-Vanessa como um exemplo de protagonismo das mulheres, ou seja, para a construção do discurso feminista, é quando a PR é retratada em cima dos livros, com uma postura ereta (isto é, com os ombros para trás e o peito aberto), olhar para frente (o fenômeno não é representado na cena), atrás dela saem raios que brilham uma luz forte. Além disso, ela é vista pelo leitor em um ângulo inferior, o que confere poder (superioridade) ao PR. Assim, Vanessa está sob os holofotes. Ela agora é a estrela.

Sobre esse conto, então, podemos dizer que ele está diretamente ligado a um discurso feminista, que predomina como mensagem central, uma vez que busca o empoderamento do leitor, em especial do feminino, pois apresenta mulheres sonhando e querendo alcançar profissões e objetivos altos, tal como a profissão de astronauta que parece ser algo tão distante se pensarmos na realidade brasileira, e que geralmente são ocupados por homens brancos.

Percebe-se também um discurso antirracista, à medida que, no plano visual, a representação dá visibilidade a personagens negros como principais

da história, o que até certo momento da história da Literatura Infantil não era tão comum, evidenciando, assim, uma tentativa de mudança social.

Finalmente, o último livro analisado neste artigo, “As bonecas da vó Maria”¹¹, foi escrito por Mel Duarte e ilustrado por Giovana Medeiros. A narrativa foi inspirada na história real das empreendedoras Joyce, Lucia e Cris, as irmãs Venancio, proprietárias da Preta Pretinha, uma organização de impacto social fundada em 2000.

Há 20 anos, no coração da Vila Madalena, na zona oeste da capital paulista, surgia uma pequena confecção e loja de bonecas de pano chamada “Preta Pretinha”. Criada pelas irmãs Joyce, Lucia e Maria Cristina Venancio, a Preta Pretinha notabiliza-se pela ancestralidade e memória familiar gerada nas irmãs por sua avó Maria Francisca, quem confeccionou as primeiras bonecas negras para as meninas, num ato amoroso de construção de identidade e representatividade. (Preta Pretinha, 2020-2023, acessado dia 21 de dezembro de 2023, <https://www.pretapretinha.com.br/aorganizacao>)

Assim, a narrativa é sobre três (03) irmãs que são muito unidas e que gostam muito de aprender, brincar, inventar profissões, e também passear na casa da avó durante as férias. Certo dia, durante a contação de uma história sobre três princesas: Coragem, Audácia e Determinação, que viviam em um Reino Encantado que precisava de salvação, a vó Maria cria, a partir de meias velhas e tecidos coloridos, três bonecas princesas, com as quais as netinhas se identificaram ao final da narrativa. As meninas, então, levaram as bonecas para a escola e estas fizeram sucesso entre as crianças que também queriam bonecas como aquelas que eram únicas. O conto termina com a avó ensinando toda família a como fazer as bonecas, ou seja, transmitindo para a geração seguinte um conhecimento; e com as netinhas ajudando na loja que abriram.

As ilustrações, no livro, cumprem o papel de apresentar ao leitor as personagens, que são visualmente representadas como uma família de ancestralidade negra. As protagonistas da história possuem algumas semelhanças físicas com as irmãs da história real (figura a seguir).

¹¹ ITAU, 2020, acessado 01/12/23, <https://www.euleioparaumacrianca.com.br/estante-digital/as-bonecas-da-vo-maria/>



Figura 1 Foto das irmãs Venâncio, respectivamente, da esquerda, Joyce, Lucia e Maria Cristina.



Fonte: PRETA PRETINHA, 2020-2023, acessado 21/12/23, <https://www.pretapretinha.com.br/aorganizacao>

A avó Maria é uma personagem idosa na história. Um traço da sua idade é o cabelo branco. Apesar da idade, Vó Maria é representada em pé, sorrindo, ou seja, demonstrando ser uma pessoa saudável fisicamente. Ela porta óculos e um xale, elementos esses que já fazem parte, por assim dizer, do estereótipo para avós. Outros aspectos que chamam atenção nos atributos da PR são a sua blusa com uma estampa com figuras geométricas que lembra os tecidos de povos africanos¹². Ela também porta um turbante que, para além de um acessório estético, representa o resgate de identidade. Além disso, toda a sua roupa tem a cor laranja que, aliás, estabelece uma conexão entre as personagens, já que as netas também trazem algum elemento nessa cor, por exemplo: Badu, a blusa; Areta, o laço no cabelo e a blusa; Fayola, os óculos, as listas de sua camisa e o tênis. A cor laranja é a mistura das cores primárias vermelho e amarelo e está associada à criatividade, à alegria, à vitalidade, à prosperidade e ao sucesso. Significados esses coerentes com as personagens da história. Também as bonecas trazem alguns pontos de luz na cor laranja.

Também a ilustração das bonecas na história tem a função de caracterizar a ancestralidade afro, já que elas vestem uma indumentária típica dos povos africanos. Logo, podemos perceber nessa história, além de um discurso feminista, um discurso antirracista, pois visualmente as ilustrações fazem menção a cultura desses povos africanos, com intuito de valorização

¹² BARCELOS, Telma. Tecidos, cores e estampas das roupas africanas. Blog Modacad - confecção, tecnologia e história. 2024, acessado em 21 de dezembro de 2023, <https://blog.modacad.com.br/tecidos-cores-e-estampas-das-roupas-africanas/>

dessas etnias e do legado por elas deixadas para as gerações futuras, e também evidencia pessoas negras e mulheres como empreendedoras de sucesso, tal como as irmãs Venancio.

Considerações finais

Como o projeto de pesquisa “Análise multimodal do *design* de livros digitais e aplicativos de literatura infantil” ainda está em andamento, o que apresentamos são considerações sobre os resultados parciais que obtivemos, até o momento, com a análise de algumas obras que compõem a coleção “Estante digital” do programa “Leia para uma criança” do Itaú Social.

Os dados da descrição e da análise dos recursos semióticos que foram selecionados, durante o *design* dos personagens protagonistas das narrativas: “Malala, a menina que queria ir para a escola”, “O cabelo da menina”, “Pode ser”, “A menina das estrelas” e “As bonecas da vó Maria”, parecem indicar que a coleção oportuniza e problematiza as diferenças etnoculturais e de gênero, sendo que nessas cinco histórias, nota-se, sobretudo, o protagonismo feminino.

Ademais, em um levantamento pré-análise, identificamos que das 16 (dezesesseis) obras, que faziam parte da coleção “Estante digital” quando iniciamos o projeto de pesquisa em 2020, praticamente a metade tem personagens negros, sendo que uma delas, “A descoberta de Adriel”, trata explicitamente o tema do racismo. No entanto, pessoas com deficiências e pessoas LGBTQI+ não aparecem em nenhuma das histórias. Compõem ainda a coleção do Itaú Social textos vencedores da Olimpíada de Língua Portuguesa, que foram escritos por estudantes e que tratam de aspectos da história e da cultura local, embora também se encontra um livro, “O sétimo gato”, o qual prioriza, em uma abordagem sobre a diversidade, culturas de países da Europa (Itália, França, Inglaterra), fazendo, assim, como que a cultura dominante ainda esteja presente nos livros da coleção.

Finalmente, a hipótese é a de que as análises das demais obras continuem apontando para a presença de um discurso multimodal que busca romper com a homogeneização da cultura dominante, dando visibilidade para

algumas questões como a igualdade de gênero e o respeito à diferença, tal como parecem fazer as cinco obras discutidas neste artigo.

Referências

ARCHER, Margaret. **Being Human: The problem of agency**. Cambridge: Cambridge University Press, [2000] 2003.

BARBOSA, Vânia. Do leitor ao leitor-olhante: percursos de uma leitura multimodal. In: SANTOS, Záira; GUALBERTO, Clarice. **Semiótica social e multimodalidade: um tributo a Gunther Kress** (e-book), Vitória, ES: EDUFES, 2023, p. 194 - 221, acesso em 30 de março de 2024, <https://edufes.ufes.br/items/show/691>

CASTRO, Letícia; MAIA, Denise. A relação dos recursos semióticos na construção narrativa dos livros digitais de literatura infantil do programa “Leia para uma criança”. In: **Anais do X Seminário de Iniciação Científica do IFMG**, Planeta IFMG. 2022a, acessado dia 14 de maio de 2024, disponível em https://sistemas.bambui.ifmg.edu.br/open_conference/index.php/sic/sic2022/paper/view/562

CASTRO, Letícia; MAIA, Denise. Análise Semiótica Social e Multimodal das obras da “Estante digital” do programa “Leia para uma criança”. In: **Anais do I Jornada de Iniciação Científica de Linguística Aplicada da ALAB** (JIC - ALAB/2022), 2022b, acessado dia 14 de maio de 2024, disponível em https://www.13cbla.alab.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=565

COELHO, Nelly. **A Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1984.

CANTON, Katia. **Os contos de fadas e a arte**. São Paulo: Prumo, 2009.

HODGE, Bod; KRESS, Gunther. **Social Semiotics**. Cambridge: Polity Press, 1988.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. 3ª ed. London: Routledge, [1996, 2006] 2021.

LUZ, Mariana; MAIA, Denise. O livro infantil no ambiente digital e a mobilização de outros recursos semióticos na produção do texto literário. In: **Anais do XIV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia** online (CILTEC-online), 2020, acessado em: 14 de maio de 2024, disponível em: <https://plataforma9.com/congressos/xiv-congresso-internacional-de-linguagem-e-tecnologia-online-ciltec-online.htm>

LUZ, Mariana; MAIA, Denise. Análise multimodal do design do livro “O menino e o foguete”. In: **Anais do Seminário de Iniciação Científica IFMG**. Anais...Belo Horizonte(MG) IFMG, 2021, acesso em: 14 de maio de 2024,

disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/planetaifmg/375017-analise-multimodal-do-design-do-livro-digital-o-menino-e-o-foguete/>

PAINTER, C.; MARTIN, J.; UNSWORTH, L. **Reading Visual Narratives: Image Analysis of Children's Picture Books**. Sheffield: Equinox, 2014.

REMENCHE, Maria; MACHADO, Paulo Henrique. Leitura e produção do livro de Literatura Infantil: do analógico ao digital, **Revista Travessias**, v.11, n.03, set/dez.2017, acesso em 03 de março de 2020, <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/18073>

56

SILVA, Klícia Perfis feministas de Malala na Literatura infanto-juvenil, para formar crianças feministas. In: ALVES, Cristiane; JUNIOR, Waldemar; AMORIM, Joyce; SILVA, Giselle [et al]. **Pesquisas sobre mulheres, gênero e identidades plurais na literatura e nas artes** [recurso eletrônico]. Alegre: Fi, 2023, p. 213-232, acesso em 01 de outubro de 2023, <https://www.editorafi.org/ebook/724-pesquisas-sobre-mulheres>

SILVA, Tomaz (Org). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11ª ed. São Paulo: Global, 2003.

Sobre os Autores

Denise Giarola Maia

Denise.maia@ifmg.edu.br

Professora EBTT do IFMG – campus Ouro Branco, onde atua nos diversos níveis de ensino e participa de projeto de pesquisa, ensino e extensão. Possui graduação em Letras (UFV) mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura (Promel/UFSJ), doutorado e pós-doutorado em Estudos Linguísticos (Poslin/UFMG).

Tamires Helena de Souza

Helenatamires201@gmail.com

Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia do IFMG – *campus* Ouro Branco e bolsista de Iniciação Científica - PIBITI CNPq.

